

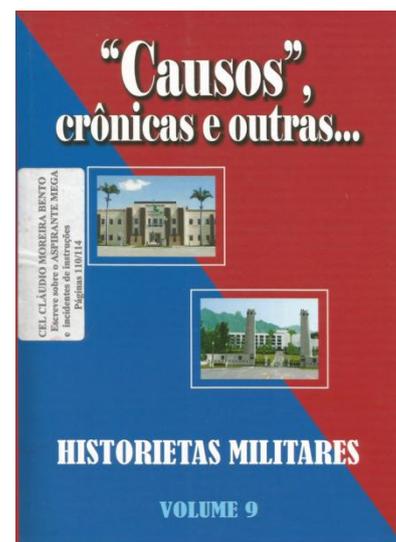
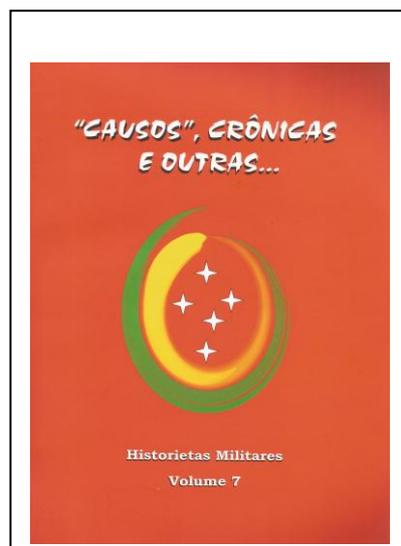
10 COLABORAÇÕES DO AUTOR, NOS Nºs 6,7 E 9 DA PUBLICAÇÃO CAUSOS,CRÔNICAS E OUTRAS...HISTORIETAS MILITARES



Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras. Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1971-1974. O autor e Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia. declarado em 15 de fevereiro de 1955 Turma Aspirante Mega. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980. Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu. Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante período que coincidiu com a 2ª Guerra Mundial.

Esta trabalho foi digitalizado do Manual Como Estudar e Pesquisar a História do Exército para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno para ser integrado ao Projeto Pérgamo de Bibliotecas do Exército.



Publicação nº 6

Editor: **Carlos Alberto dos Santos ABEL**

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: José Alencar Dantas do **Amaral**

MEMBROS:

Carlos dos Santos Abel, Edmundo Trigo Cecílio, José Luiz Araujo Soares, Rodolfo Heggdorn Donner, Walter Gomes de Brito Fernandes.

Diagramação e Arte Final Rodolfo Heggdorn Donner

Publicação nº 7

Editor: **Carlos Alberto dos Santos Abel**

Presidente **José de Alencar Dantas do Amaral**

Membros

Carlos Alberto dos Santos Abel, Edmundo Trigo Cecílio, José Luiz Araujo Soares, Murillo Gurjão, Rodolpho Heggdorn Donner e Walter Gomes de Brito Fernandes

Diagramação e Arte Final : Rodolpho Heggdorn Donner

Publicação nº 9

Editor : **Carlos Alberto dos Santos ABEL**

CONSELHO EDITORIAL

Presidente: **Edmundo Trigo Cecilio**

Membros

Carlos Alberto dos Santos ABEL, José Alencar Dantas do **Amaral**,
Luiz Araujo Soares, Murillo Gurjão, e Walter Gomes de Brito
Fernandes.

Capa: Idéia original Edmundo Trigo Cecilio

Diagramação E Arte Final: Jussara Hausen Soares.

In Memoriam: Jayme Sana, Pedro Paulo de Carvalho Ribeiro e
Hamilton Franklin de Melo

Revisão: Carlos Alberto dos Santos Abel (de português).

José Alencar Dantas do **Amaral (Termos Militares).**

Diagramação e Arte Final
Carlos Alberto dos Santos Abel

**10 COLABORAÇÕES DO AUTOR, NOS Nºs 6, 7 E 9 DA PUBLICAÇÃO CAUSOS,
 CRÔNICAS E OUTRAS... HISTORIETAS MILITARES**

Na publicação nº 6

ORDEM DE RENDIÇÃO A UM PELOTÃO DA AMAN

Em nossa primeira manobra, no 1º ano da AMAN, em 1953, fui, com outros colegas bichos, colocado à disposição, como mensageiro de um tenente de Infantaria numa determinada posição, para os lados de Porto Real. Lembro que ficamos todo o dia inativos, sob um toldo, e o referido tenente, não permitindo que tirássemos o capacete de aço por um instante sequer, como imposição da situação tática que vivíamos e em obediência à ordem: - ***Cadete viva a situação!***

Ao anoitecer, me deu a missão de levar uma mensagem a uma posição. E parti na direção de Bulhões, para tentar encontrar a rodovia que liga Bulhões a Resende e dali atingir as cercanias da AMAN, o meu destino, e lá entregar a mensagem.

Noite escura, estou atravessando um imenso milharal e sumido em seu interior. Finalmente cheguei a um ponto que me pareceu tratar-se de um curso d' água largo e fundo. Peguei uma vara, para medir a sua profundidade antes de atravessá-lo. E constatei surpreso que não era água e, sim, a procurada estrada Bulhões—Resende.

O clima era de muita prudência, para não ser capturado pela Figuração Inimiga, pois os veteranos exageravam, para os bichos, sobre abusos e

humilhações impostos pela Figuração Inimiga aos que por ela fossem capturados.

Prossigui na minha missão com o temor de ser encontrado e capturado pela Figuração Inimiga.

Nas proximidades de meu destino final, percebi, deslocando-se, pela estrada, um pelotão. Escondi-me no meio da vegetação, temendo ser o mesmo um pelotão da Figuração Inimiga, fato novo para um bicho do 1º ano.

Foi então que decidi "heroicamente" saltar na frente do pelotão de fuzil apontado para ele e ordenando que se rendesse.

Aí o oficial que o comandava avançou e me falou: - **Cadete como você acha que poderia enfrentar sozinho um pelotão? Você seria logo morto!** -. Aí lhe respondi altivo: - **Eu morreria, mas antes mataria muitos!** —. O oficial ouviu e ordenou: - **Entra em forma lá atrás do pelotão!** - . E eu cabisbaixo e humilhado obedeci.

E cheguei ao destino da minha missão, na retaguarda do pelotão, que era comandado pelo tenente Rubens Bayma Denis, filho do ilustre chefe marechal Odylio Denis que, mais tarde, comandaria o atual Comando Militar do Sul, cuja história eu escreveria sob o título, **Comando Militar do Sul: 4 décadas de história** (Porto Alegre: Pallotti, 1995). Mas cumpri a missão recebida e "**vivi a situação!**"*Mas esagerei!*

CHOVE MAIS DENTRO DE CASA DO QUE FORA DELA

Em 1957, servi com o então tenente Roberto José Martinez (o Lapa), fevereiro de 55, como subalterno da 1ª Companhia de Construção do 1º BFV e destacada às margens do Rio da Prata, no Município de Veranópolis.

O tenente Martinez resolvia as questões com muito bom humor, com tiradas inesperadas.

Certa feita, teve que aproveitar, na área de seus recursos, uma série de moradias de trabalhadores que estavam sem uso, para serem ocupadas por trabalhadores de outro serviço próximo do seu canteiro de obras .

Numa inspeção que fez no local, um trabalhador assim pleiteou de modo grosseiro ao tenente Martinez melhorias em sua habitação:- **Seu tenente, não dá para morar nesta casa, pois chove mais dentro dela do que aqui fora** - . E Martinez respondeu: - **Então amigo mude-se aqui para fora!**

E a risada dos trabalhadores foi geral. E o reclamante envareto.

História que me fez lembrar uma tirada do general Gonzaga, tio do general Candido Vargas Freire (Fev 55), a um cabo velho que cuidava da pocilga do Regimento que ele comandou e que era a menina de seus olhos .

O então coronel Gonzaga, ao inspecionar a pocilga, constatou uma série de detalhes que não lhe agradaram. Dirigiu-se ao cabo, que tomava conta da pocilga, apontando as alterações encontradas para serem corrigidas.

Aí o cabo velho, imaginando deixar o coronel na banana, como se diz, falou: - **Se o senhor não está contente com o meu trabalho, me dispense da função.**

- Está dispensado e se apresente ao comandante de sua Companhia!

O cabo na esperança de não ser dispensado, por se considerar insubstituível, perguntou ao coronel Gonzaga: - **E para quem passo a responsabilidade da pocilga, senhor coronel?.**

E teve como resposta: - **Passe para o porco mais antigo!**

Esta é uma das muitas histórias do Cel Gonzaga que, até hoje, circulam nas unidades onde ele serviu.

É CAFÉ? NÃO, É CHÁ! É CAFÉ !!!

Vindo do 1º Batalhão Ferroviário, em 1955, fui servir na 3ª Companhia de Comunicações, em Cachoeira do Sul, onde eu fora soldado, cabo e 3º sargento da reserva em 1950, em Pelotas, e agora instalada precariamente num pavilhão, outrora o picadeiro do 6º Batalhão de Engenharia de Combate.

O subcomandante era o tenente Celso Chagas da Costa (Eng 54) que, por problemas de fígado, havia introduzido o costume de servir chá da Índia aos oficiais ao invés do cafezinho.

Em certa época, começaram a ser notados diversos incidentes entre os oficiais, resultante de impaciências e nervosismos. O fato foi diagnosticado como efeito da teína por abuso no uso do chá da Índia. E o chá foi abolido! E tudo voltou à normalidade !.

Certa feita, a companhia foi visitada pelo general Comandante da Artilharia Divisionária da 3º DI (atual 3ª DE).

E, com ele, conversava o comandante da companhia capitão Devanir Pinto e eu junto como ajudante-secretário.

Neste momento, se aproxima um soldado com a bandeja de cafezinho.

O general pegou a xícara, e o soldado começou a servi-lo, e notei que era um líquido claro como chá. O general perguntou: - **Isto é café?** - Eu respondi: - **É chá, Excia!** - E o general sorveu o líquido e falou: - **Não é chá, é café mesmo!** - Era café! Um café que satisfazia uma das três condições do café **3F - frio, fraco e fedorento**. Era um café fraco! Foi constrangedor. Mas o general era muito gentil e levou na esportiva.

Na Publicação n 7

TENENTE BENTO GONÇALVES DA SILVA do 1* BFv

Minha segunda unidade como oficial foi o 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves/RS. Unidade esta originária da Ala Esquerda do Batalhão de Engenheiros.

Gostando muito de história, dediquei-me desde menino, nascido em Canguçu/RS, a estudar a Revolução Farroupilha, na qual alguns ascendentes desempenharam papéis de destaque. E Canguçu era então distrito importante de Piratini, sua vizinha, e considerado, pelos imperiais, "**o distrito de mais perigoso e mais farrapo**" de Piratini.

E foi a Divisão Liberal de Antônio de Souza Netto, resultado da transformação do Corpo da Guarda Nacional do município de Piratini, mobilizada em seu distrito sede e nos de Canguçu, Cerrito e Bagé até o Pirai que venceram o combate do Seival, em 10 de setembro de 1836, e criaram condições para a Proclamação da República Rio-Grandense, no dia seguinte, no Campo de Menezes. Eventos que consideramos a raiz do movimento que culminou em 15 de novembro de 1889, com a Proclamação da República.

Alguém, no Batalhão, notou meus conhecimentos sobre este tema, e fui escalado para falar em Programa de Instrução, para os oficiais do Batalhão, sobre a Revolução Farroupilha.

Na época, eu era oficial residente destacado em Jaboticaba, junto à ponte ferroviária sobre o Rio das Antas, tendo a meu encargo a fiscalização da perfuração e revestimento do Túnel 5, e da construção da Esplanada de Junção, do Ramal vindo de Bento Gonçalves com o Tronco Principal Sul, tarefas que exigiam muito empenho.

Na minha ignorância, achava que o trabalho era mais importante do que a instrução de oficiais. Ignorância por compreender mais tarde que o próprio trabalho era instrução para o engenheiro de combate e que o desenvolvimento era subproduto.

Ministrei a instrução com toda vibração, temendo ser a mesma um insucesso. Qual não foi a minha surpresa, quando, ao término da mesma, o coronel Comandante Sadi Magalhães Monteiro, veterano da FEB, levantar e tecer elogios a minha exposição.

Pouco tempo depois, recebi a missão de meu comandante, atendendo a um pedido do Colégio Bento Gonçalves da Silva, na cidade de Bento Gonçalves, para fazer uma palestra, para suas alunas, tendo, por tema, a Revolução Farroupilha.

E lá se foi o tenente Bento, falar no Colégio Bento Gonçalves de freiras e na cidade de Bento Gonçalves, sobre a Revolução Farroupilha, e em especial sobre o seu líder.

Abordei o assunto com segurança, tendo respondido às perguntas das alunas. E como não podia ser de outra forma, destaquei a projeção da obra do líder farrapo, o general Bento Gonçalves da Silva que atingira, no Exército, o posto de coronel de Estado-Maior.

Terminada a missão retornei ao Quartel, dando ciência do cumprimento da missão. Passados alguns dias fui chamado pelo citado comandante do Batalhão ao seu PC, ele me entregou um ofício do citado colégio, agradecendo a minha palestra e para que o lesse em voz alta. E li:

"Agradeço a V. S. a cooperação ao nosso Colégio, traduzida pela excelente e esclarecedora palestra pronunciada para nossas alunas pelo tenente Bento Gonçalves da Silva".

Assinava-o uma religiosa secretária do Colégio que confundira a citação de meu nome e o de Bento Gonçalves da Silva na palestra e também no nome do Colégio e da cidade. Quando deveria citar o tenente Bento, a mim se referiu como tenente Bento Gonçalves da Silva.

E, daí em diante, o coronel me tratava de tenente Bento Gonçalves da Silva.

O general Bento Gonçalves da Silva teve um neto homônimo e major que comandou o Corpo de Transportes do Exército que participou da vitoriosa resistência ao sítio federalista de Bagé, durante 40 dias, na Revolução Federalista, 1893/95.

Hoje, Bento Gonçalves da Silva que temos estudado com profundidade é o meu patrono na Academia Piratiniense de História que fundamos e presidimos.

Personagem de destaque na Revolução Farroupilha, liderada pela guarnição do Exército da então Província do Rio Grande do Sul, a maior do Brasil, em razão de uma Questão Militar, até hoje camuflada em nossa história, e provocada por liberais que assumiram o poder com a Abdicação de D. Pedro I, em 7 de abril de 1831 e que então perseguiram o Exército e a Marinha, cuja hostilidade mais evidente, até hoje, lembrada, foi o desligamento do Exército do já herói consagrado em Passo do Rosário, tenente Emílio Luiz Mallet, atual patrono da Artilharia, conforme abordamos em artigo "O Exército e a Revolução Farroupilha - **uma releitura**" **A Defesa Nacional**).

Na Publicação nº 9

UM INCIDENTE EM INSTRUÇÃO DE EXPLOSIVOS

Aluno do 3º Ano do Curso de Engenharia, ao participarmos de uma instrução de armação e detonação de espoletas elétricas, ocorreu o seguinte incidente, que poderia ter consequências mais graves.

O exercício consistia em estender um par de fios de telefone no terreno, a partir de um jipe com o capo aberto. E, na sua extremidade, armar uma espoleta elétrica. Pronto o dispositivo, cobrir a espoleta com o capacete de aço, retornar até o jipe e colocar as duas extremidades dos fios nos polos de sua bateria, para detonar a espoleta à distância, sob o capacete. E tudo corria bem, sem alterações.

Mas, quando eu cobria a espoleta elétrica com o capacete de aço, ela surpreendentemente estourou. Felizmente os grãos de areia grossa da escavação onde a espoleta fora colocada não atingiram meu rosto, só o abdômen e o peito, protegidos pela túnica.

Surpreso e confuso fui até o jipe, ver o que havia ocorrido. Concluíra que fora um voo de um cadete que, em vez de usar os fios que ligavam a espoleta elétrica ao jipe, ele ligara os que a mim eram destinados. E a gozação foi geral sobre o cadete x que deu aquela perigosa "voada".

ATOLAMENTO DE UM TRATOR D/7 CATERPILLAR EM CONSTRUÇÃO NO CURSO DE ENGENHARIA NA AMAN

Participamos de um exercício, chefiando uma fração de Engenharia que tinha por missão fazer reparos numa estrada. Dentre estes reparos, o mais complexo foi a construção de um dreno cego. Ou seja, uma valeta cheia de pedras de mão e coberta de terra, para tornar possível o escoamento de águas de chuvas para um banhado, conforme designamos, no Rio Grande do Sul, um terreno encharcado de água e instável.

Lembro de que fui encarregado desta fração de Engenharia tendo à disposição, operado por um cadete, um trator D/7 Caterpillar do Curso de Engenharia.

E comecei a orientar o cadete aprendiz de operador, para ele colocar o trator na posição ideal para, com a lâmina do trator, cobrir de terra o dreno cego.

E fazendo-lhe sinal, para dar ré, ele perdeu o controle, e o trator quase que sumiu a metade num banhado. Lembro que da esteira esquerda só enxergava a parte superior!

E foi grande a minha surpresa de me envolver com um acidente a ser resolvido, na minha imaginação, com enormes despesas, para retirar-se o trator daquele atoleiro.

Mas a minha primeira reação foi pedir que o cadete operador colocasse o trator com força total, procurando conduzi-lo para terreno firme, como se eu fora muito prático em operações daquela natureza.

E qual não foi a minha feliz e grande surpresa assistir o trator, com o auxílio de seu motor e esteiras, deixar o atoleiro com a maior facilidade. Mas o susto foi grande!

Anos

mais tarde, fui comandante da Companhia de Equipamento do 1º Batalhão Ferroviário e recordava com os operadores de máquinas, meus subordinados comandados, o grande susto por qual passei com aquele trator atolado."

"UM ASPIRANTE, NOME DE UMA TURMA NA AMAN"

Ingressamos na AMAN em março de 1953, e a minha turma de aspirantes foi batizada de Aspirante Mega, sem sabermos qual a razão. Uns argumentavam que era em razão da turma só cursar dois anos em três períodos de instrução com redução drástica do bônus da vida de cadete em 3 anos, só ficando o ônus da vida de cadete em dois. Alguns mais pessimistas argumentavam que o curso comprimido de 3 para dois anos era

para o Brasil ficar em melhores condições de participar da Guerra da Coreia. E assim nossa turma não receberia uma denominação expressiva como as turmas anteriores: Escola Militar de Resende, Agulhas Negras, General Ciro Espírito Santo, General José Pessoa, General Ciro Espírito Santo Cardoso (novamente), AMAN, Barão do Rio Branco, Almirante Tamandaré, Santos Dumont e, por fim, a Aspirante, onde honrou as tradições do seu patrono bicentenário Brigadeiro Sampaio, "**O Bravos dos bravos de Tuiuti**", sobre o qual este ano produzimos o livro **Bicentenário do Brigadeiro Sampaio, o Patrono da Infantaria** e que foi lançado em cerimônia comovente no RI Sampaio, em 22 de fevereiro, nas comemorações dos 65 anos do Combate de Monte Castelo onde o Aspirante Francisco Mega combateu.

E, durante nossa vida militar, que já vai longa, o nosso Patrono de Turma não nos era conhecido em toda a sua dimensão histórica, para não se dizer desconhecido das turmas anteriores e do próprio Exército, fora da Turma e do Regimento Sampaio

Curioso, ao retornar à AMAN, em 1978, como instrutor de História Militar, resolvi pesquisar a vida do meu patrono, com vistas a torná-lo mais conhecido de nossa turma e das demais e do próprio Exército e. no caso, dos colaboradores desta publicação, para o tornar mais conhecido e cultuado. E chegamos à seguinte conclusão:

***“Os que morrem por seu país, o servem
mais num só dia, do que os demais em
todas as suas vidas.”***

Em epígrafe, a afirmação de Péricles, estadista e general grego do século V antes de Cristo, que recebeu o seu nome, como o grande artífice do apogeu da Grécia Antiga, berço da Arte Militar Ocidental.

O aspirante Francisco Mega, carioca do Regimento Sampaio, bem se enquadrou no abalizado pensamento de Péricles, ao tombou em ação, à frente de seu pelotão, no disputadíssimo e sangrento combate de Montese, em 15 abr 1945, na conquista da cota 778, tendo antes incentivado seus homens com estas palavras:

***“ A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que
vocês ainda têm para fazer. Prossigam na luta!”***

E expirou, sendo o único aspirante- a oficial tombado em combate, egresso da Escola Militar do Realengo, de onde saíra, fazia três meses, ao tempo em que a AMAN, então Escola Militar de Resende, já funcionava junto com a Escola do Realengo no ano de transição entre as duas que funcionaram juntas em 1944.

Por seu heroísmo foi agraciado com a Cruz de Combate de 1ª Classe, “**destinada a premiar atos de bravura ou espírito de sacrifício no cumprimento de missões de combate**”.

O decreto que lhe concedeu essa condecoração mencionou:

“Concluiu o curso da Escola Militar do Realengo em sua última turma e incorporou-se ao Regimento Sampaio na véspera do ataque a Monte Castelo em que tomou parte. Comandava o Pelotão do 1º Escalão no ataque a Montese. Apesar da forte resistência do inimigo que procurava deter nosso avanço com tiros ajustados de metralhadoras e forte bombardeio, impulsionou infatigavelmente seu Pelotão, cujos homens eram empolgados pelo seu exemplo de bravura e sangue frio.”

Ferido mortalmente, à frente dos seus homens, em pleno ataque, em nenhum momento deu provas de fraqueza. Assistido por seus soldados, com admirável serenidade, sentindo que ia morrer, rezou!

E isto depois de ter confiado ao Pelotão uma lembrança para sua mãe Dona Angelina Garofalo Mega. E continuou falando a seus homens, incitando-os a prosseguir no cumprimento do dever. Calmo e conformado, compenetrado das suas responsabilidades de chefe, a quem cabia estimular os seus subordinados naquele momento crítico, pronunciando palavras de entusiasmo e confiança na vitória. E exalou o último suspiro.

Conquistado Montese em 14 abr 1945, a leste desta posição, os alemães resistiam e em especial na cota 778. Coube ao 2º BI do Regimento Sampaio, ao comando do Major Sizen Sarmento, atacar, na manhã de 15 de abril, a cota 778. Missão atribuída ao pelotão, ao comando do Aspirante Francisco Mega.

E ele partiu para ataque sob intenso fogo inimigo, quando foi ferido mortalmente por uma rajada de metralhadora, ao iniciar o assalto. Pressentindo a morte, determinou ao sargento Agenor, auxiliar que assumiu o comando do Pelotão muito desolado e paralisado. Mas o Aspirante Mega encontrou forças para incentivá-los, com bom humor, disfarçando aos olhos dos comandados a sua tragédia pessoal.

"Porque estão parados em torno de mim? A guerra é lá na frente. Quem está no fogo é para se queimar! Estou aqui porque quis! Se vocês estão sentidos com o que me aconteceu, vinguem-se acertando o comandante deles! De nada valerá o meu sacrifício se não conquistarem o objetivo. A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês ainda têm para fazer, prossigam na luta..."

E a cota 778 foi conquistada ao final da tarde!

Em 1953, por seu heroísmo e comovente exemplo, foi escolhido para nome da nossa turma formada em 15 fev 1955 sob este argumento:

Os cadetes de 1953 da AMAN (1º Ano), ao homenagearem o herói expedicionário da última campanha da Itália, não tomaram a si, somente um exemplo de abnegado patriotismo, mas se integraram no dever da nação de eternizar a memória histórica dos nomes que tombaram em defesa do Brasil.

(Revista Agulhas Negras, 1953)

Os 55 anos de formatura de minha Turma Asp Mega em 15 fev 2010. na AMAN, transcorre no ano dos 65 anos de sua morte heroica, quando honrou o brigadeiro Antônio de Sampaio, patrono de seu Regimento e da Infantaria, e acrescentou ao seu regimento mais uma eterna glória. Até hoje, ele foi o único aspirante- a- oficial a ter a honra de ser nome de Turma formada pela AMAN. Hierarquicamente o único de que dele se aproximou foi o alferes José da Silva Xavier, o Tiradentes.

É com orgulho e satisfação que registro que para esta original e pioneira contribuição à literatura castrense, nela contribuíram 7 integrantes da minha Turma Asp Mega AMAN 15 fev 1955, dos quais 6 artilheiros e infante, dos quais 4 lamentavelmente faleceram: Carlos dos Santos Abel, Edmundo Trigo Cecílio, Pedro Paulo de Carvalho Ribeiro (Inf),e Jayme Sanna. E felizmente sobreviveram deste grupo Jorge Alencar Dantas,Rodolfo Heggendorn Donner e Murilo Gurjão.